

Taft Robinson foi o primeiro estudante negro a entrar para a Universidade Logos, no Texas Ocidental. Recrutaram-no por ser veloz.

No final daquela primeira temporada, ele revelou-se, sem dúvida, um dos melhores jogadores da história do Sudoeste na sua posição, a de corredor. A seu tempo, podia perfeitamente ter surgido nos ecrãs de televisão, nos quatro cantos da terra, a recomendar automóveis de oito mil dólares ou loção de barbear com aroma de abacate. Uma cadeia de restaurantes de comida rápida com o nome dele. A história da sua vida na parte de trás de embalagens de cereais. Uma monografia soporífera podia ter sido escrita precisamente acerca desse tema, o atleta moderno enquanto mito comercial, com notas de rodapé. Mas este texto não é essa monografia. Aquele ano, pelo menos para mim, teve outros cambiantes, o fenómeno do antia-plauso — palavras que se desfazem em sons brutais, o silêncio de textura metálica que daí resulta. E, portanto, Taft Robinson, quer isso seja justo quer injusto, limita-se a assombrar este livro. Isso parece-me adequado, em certa medida. A mansão há muito foi assombrada (dupla metáfora a caminho) pelo homem invisível.

Não compliquemos as coisas, porém. Os futebolistas são uma malta simples. Sejam quais forem os meandros complexos, sejam quais forem as jogadas políticas sombrias da mente humana, do coração humano — tais facetas vêm apenas à tona no âmbito dos limites traçados a cal no terreno de jogo. Por vezes, estranhas visões percorrem o relvado como ondas; a loucura transborda. No entanto, à parte isso, aonde quer que vá, o futebolista percorre uma linha

absolutamente retilínea. Os pensamentos dele são de uma banalidade profundamente sadia, os gestos dele não têm a complicá-los a História, os enigmas, o Holocausto ou os sonhos.

Uma paixão pela singeleza, pelas coisas antigas e genuínas, como rapazes de bicicleta a distribuir jornais, preencheu os nossos dias e noites naquele Verão abrasador. Treinávamos sob o calor ondulante, sem nada que nos desse alento, à parte a convicção de que as coisas, ali, eram simples. Dar encontrões e levar encontrões; não perder de vista o guardião que abandona o alinhamento; deitar pessoas ao chão e pisá-las; chupar um cubo de gelo e adoptar novamente a postura de três apoios. Éramos uma equipa ágil e empenhada, dirigida por um treinador sedento de vitórias e pelos seus sete adjuntos despóticos. Alguns de nós eram mais lineares do que outros; uns quantos podiam ser classificados como párias ou exilados; três ou quatro, como em todas as equipas de futebol, eram loucos. Mas todos éramos — até eu próprio — empenhados.

Treinávamos ao sol, com quarenta graus. Atirávamo-nos aos bonecos de treino e saltitávamos, empertigados, entre as cordas estendidas lado a lado no chão. Postávamo-nos naquilo a que chamávamos a pista (uma faixa estreita de terreno bordejada de ambos os lados por bonecos de treino), dois homens frente a frente, o bloqueador e o defesa, que arremete, direito ao lançador, e lutávamos corpo a corpo até acabarmos os dois no chão. Desferíamos cabeçadas, fincávamos as unhas, dávamos pontapés. Houve numerosas cenas de pancadaria. Houve um arraial de batatada que se espalhou como um rastilho e que os treinadores deixaram prosseguir durante uns bons cinco minutos, parados junto à linha lateral com ar apazivelmente aborrecido enquanto nós nos pontapeávamos nas canelas e aplicávamos socos palermas com a direita e com a esquerda nos rostos enjaulados, ao passo que os mais impulsivos tiravam o capacete e tentavam bater com ele em tudo o que mexia. Aos serões, rezávamos.

Eu era um dos exilados. Houve muitas alturas, acreditem, em que perguntei a mim próprio o que é que estava a fazer naquele lugar remoto e famélico, naquela tundra estival, a ser atingido na cabeça e no ventre por um par de texanos de cento e dez quilos a espumarem pela boca. De noite, sentia-me tão exausto e tão dorido que nem

conseguia erguer o braço para escovar os dentes. Era obrigado a obedecer às ordens bárbaras de homens insensatos. Via-me arredado de todas as formas de civilização, tal como as conhecera ou estudara. Todos os serões rezava em coro, juntamente com o resto da equipa, sob a batuta do nosso treinador, senhor da guerra e patriarca vingador. Era forçado a levar uma vida austera.

Disseram-nos então que Taft Robinson ia ingressar na nossa universidade. Aguardei com expectativa a chegada dele — um acontecimento digno de nota, por fim, numa época de incidentes e desilusões menores. Os meus companheiros de equipa, no entanto, pareceram contrariados ao ouvir a notícia. Era um ponto final na simplicidade, era o recanto assombrado de um sonho, um trecho de floresta encantada para lhes meter medo de noite.

Taft vinha transferido de Columbia. Tudo o que se contava sobre ele era elogioso. (1) Corria cem jardas em 9,3 segundos. (2) Sabia esquivar-se e tinha boas mãos. (3) Era forte e raramente deixava cair a bola. (4) Vencia as placagens como um homem a transpor um torniquete no metropolitano. (5) Sabia bloquear os defesas — quando estava para aí virado.

Mas, principalmente, era rápido que nem uma flecha — 9,3 segundos para cobrir cem jardas. Velocidade. Tinha uma velocidade de velocista. A velocidade é o último entusiasmo que nos resta, a única coisa que ainda não exaurimos, ainda despida em todo o seu potencial, a misteriosa dádiva negra que inebria milhões.

(Exilado ou pária: as distinções tendem a eclipsar-se quando a temperatura ultrapassa os trinta e oito graus.)

Taft Robinson apareceu no início de Setembro, cerca de duas semanas antes de as aulas regulares começarem. A equipa, originalmente composta por cem elementos, em breve reduzida a sessenta, em breve ainda menos, apresentara-se oficialmente em meados de Agosto. Taft faltara aos treinos da Primavera e a vinte dias da época em curso. Não me parecia que fosse capaz de recuperar o atraso. Estava no gabinete da presidente no dia em que ele chegou. A presidente era Mrs. Tom Wade, a viúva do fundador. Toda a gente lhe chamava Mrs. Tom. Era a única mulher que eu alguma vez vira que podia ser descrita fielmente como lincolnesca. Além da aparência, eu não tinha nenhuma ideia formada acerca da realidade dela; era alta, tinha um ar carrancudo, austera que nem um rebite de caminhos-de-ferro.

Eu estava ali por ser um setentrional. Ao que tudo indicava, acharam que a minha presença ajudaria Taft a sentir-se em casa, uma ideia que me pareceu risível. (Ele era de Brooklyn, tendo ingressado em Columbia depois de frequentar o Boys High, um liceu conhecido pelos atletas que sempre formou.) Mrs. Tom e eu, sentados, esperávamos.

— O meu marido adorava esta universidade — disse ela. — Construiu-a a partir do zero. Tinha um sonho e levou-o até ao fim. Acreditava na razão. Era um homem racional. Adorava a palavra em si: razão. Infelizmente, era mudo.

— Não fazia ideia.

— Limitava-se a grunhir. Emitia sons repugnantes. A saliva acumulava-se-lhe nos cantos da boca. Não era uma imagem lá muito bonita.

Taft entrou, ladeado pelo nosso treinador principal, Emmett Creed, e pelo treinador das linhas recuadas, Oscar Veech. Calculei de imediato a altura e o peso, cerca de um metro e oitenta e oito, cerca de noventa e cinco quilos. Ombros imponentes, cintura fina, pescoço aceitável. Um toiro de primeira categoria na feira regional de gado. Vestia um fato cinzento-escuro que talvez tivesse a idade dele.

Mrs. Tom fez o seu discurso.

— Jovem, sempre admirei a resistência das vossas gentes. Vocês são bem duros de roer. Para ser franca, esta ideia desagradou-me desde o início. Quando me explicaram o plano, disse que não tinha pés nem cabeça. Que era um disparate completo. Mas aqui o Emmett Creed é um homem incrivelmente persuasivo. Isto não vai ser fácil para nenhum de nós. Mas para que serve a razão, senão para nos ajudar a superar os tempos difíceis? Pronto. Já disse o que tinha a dizer. Agora vai lá falar com o *mister* Creed e, quando tiverem acabado a vossa conversa sobre futebol, não te esqueças de voltar aqui para falares com Mrs. Berry Trout, na porta ao lado. Ela explica-te tudo o que precisas de saber sobre as cadeiras e o alojamento e isso tudo. A História será o nosso juiz supremo.

Foi então a minha vez.

— Gary Harkness — apresentei-me. — Somos mais ou menos vizinhos. Eu sou do interior do estado de Nova Iorque.

— Muito no interior? — perguntou ele.

— Interior interior. Lá bem no interior, para dizer a verdade. Uma cidadezinha nas Adirondacks.

Fomos até ao dormitório dos jogadores, um edifício isolado cuja construção estava quase terminada, embora o terreno diante da fachada ainda não tivesse sido arranjado, e onde se viam por toda a parte letreiros a dizer PINTADO DE FRESCO. Deixei-os aos três no quarto de Taft e desci ao rés-do-chão para me equipar para o treino da tarde. Moody Kimbrough, o nosso placador-direito e capitão da equipa ofensiva, travou-me no momento em que eu ia a cruzar a zona de exercícios isométricos.